

CONVOCATÓRIA
página 5

VISITE-NOS EM:
www.revistadacavalaria.com



REVISTA da CAVALARIA

Revista Quadrimestral de Cavalaria / Maio - Agosto 2013 / 3ª Série / Ano VIII / Nº 30



ISTAR & Missões Tradicionais

DESAFIOS À LIDERANÇA - O EXEMPLO DO RC6



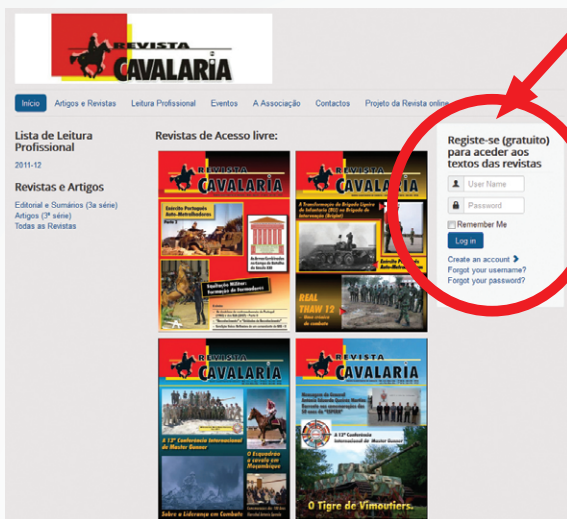
E AINDA:

CARROS DE COMBATE NO EXÉRCITO PORTUGUÊS (PARTE III)

REFLEXÕES DE UM CMDT DO GCC (V): APONTAMENTOS FINAIS

1

Registe-se na página principal, a sua conta já existe.



2

O Utilizador é a palavra “socio_” seguido do seu número de sócio (consulte a folha de endereço que acompanha a sua revista). A password é “revcav2014”. Clique em “Log in”

Registe-se (gratuito)
para aceder aos
textos das revistas

User Name: socio_XXX

Password:

☐ Remember Me

Log in

Create an account >

Forgot your username?

Forgot your password?

3

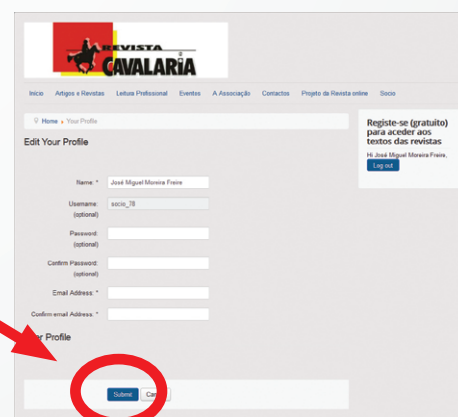
Depois de entrar na sua sessão altere o seu perfil, clicando em “Sócio”.



4

Altere a password, atualize o seu endereço de email e clique em “Submit”.

Aguardamos por si nesta nova dimensão da Revista da Cavalaria.





Sumário

■ FICHA TÉCNICA

Propriedade
Associação Revista da
Cavalaria

Director
TCOR Miguel Freire

Chefe de redacção
MAJ Paulo Serrano

Redacção
TEN Humberto Rosa

Revisão
TCOR Miguel Freire
MAJ Paulo Serrano

Fotos
Capa: Arquivo RC3 e RC6
Contra-cap: Arquivo EPC

Contactos
Associação Revista da
Cavalaria
Regimento de Lanceiros N.º 2
Calçada da Ajuda
1349-054 Lisboa
E-m@il: revistadacavalaria@
gmail.com

Execução gráfica
SOARTES - artes gráficas, lda.

Depósito Legal
203499/03

■ Editorial _____	4
MAJ Cav Paulo Serrano	
■ «Desafios à Liderança – O exemplo do RC6 (Parte 1) _____	6
COR Cav Jocelino Bragança Rodrigues	
■ «Missões da Cavalaria: Entre a Tradição e a Realidade» _____	18
MAJ Cav Paulo Serrano	
■ «Considerações Doutrinárias e de Emprego de Unidades ISTAR e ISR na atualidade» _____	23
CAP Cav Marco Cordeiro	
■ «Apontamentos finais: Reflexões de um Cmdt do GCC - V» _____	26
TCOR Cav Miguel Freire	
■ «Exército Português Carros de Combate (3.ª parte) – Carros de Combate de Origem Canadiana» _____	31
MGen Pereira Coutinho	
■ «Lista de Leitura Profissional da Revista da Cavalaria 2013-2014» _____	34
■ «Livros» _____	36
■ Resenha de Actividades das Unidades _____	39
■ Indigitações e Nomeações _____	46



Editorial

Este número da Revista reflete a transformação que se assiste no Exército, e como não podia deixar de ser, com impactos na Arma de Cavalaria. Esta linha editorial pretende acompanhar os principais assuntos, que estão na ordem do dia, de forma a permitir uma reflexão sobre esses mesmos temas e se possível uma contribuição para as alterações que se perspetivam.

Um dos artigos aborda as questões em redor do Batalhão ISTAR. Sendo que a Unidade está constituída de acordo com um quadro orgânico, ainda existem aspetos que merecem reflexão desde logo os aspetos técnicos e táticos da sua operação como a articulação no seio de uma Brigada, com outras Unidades, nomeadamente as de reconhecimento. A constituição dos denominados Agrupamentos Blindados, seja na forma de constituição permanente, temporária ou de qualquer outra forma, é outro dos assuntos abordados e que tem motivado discussão em vários domínios, desde os meios académicos, nomeadamente o IESM, como no âmbito da nossa revista, o que muito nos orgulha, por esta possibilitar a troca de opiniões sobre os assuntos, o que só pode ser entendido como sinal de vitalidade.

Numa altura (época) em que é visível a precaução nas palavras e nos atos, a preocupação em não cometer erros, em não escrever porque pode ser mal-entendido, constitui por certo fonte de inegável conhecimento a leitura dos artigos do Cor Cav Jocelino Rodrigues e do TCor Cav Miguel Freire, porque abordam as experiências vividas no comando de unidades. Estas experiências só podem ser aprendidas pelos escalões inferiores se refletirem a verdadeira experiência contadas na primeira pessoa, pois só assim servirão de base a outros para fazerem, ou tentarem fazer melhor.

LINHA EDITORIAL

Os artigos não deverão ultrapassar as 3500 palavras e, sempre que possível, acompanhados de fotografias, mapas ou outras imagens que o autor entenda convenientes. Todos este ficheiros deverão ser enviados como ficheiros independentes do tipo “.jpeg”, “.bmp”, etc., mas nunca “colados” em documentos word ou ficheiros powerpoint.

Os artigos deverão ser enviados por mail para o endereço:

revistadacavalaria@gmail.com

**CORPOS SOCIAIS
DA ASSOCIAÇÃO
REVISTA
DA CAVALARIA
(2013-2016)**

Mesa da Assembleia Geral:

- **Presidente:**
Presidente Honorário da
Arma da Cavalaria, Tenente-
General Luís Miguel de
Negreiros de Moraes de
Medeiros
- **Vogal:**
Presidente do Conselho
da Arma de Cavalaria,
Major-General Tiago Maria
Ramos Chaves de Almeida e
Vasconcelos
- **2º Vogal:**
Tenente-Coronel de
Cavalaria Francisco António
Amado Rodrigues
- **Secretário:**
Sargento-Mor de Cavalaria
Luís Manuel Gouveia
Antunes

Conselho Fiscal:

- Presidente:
TCor Cav Marcos de Andrade
- Vogal:
Maj Cav Peralta Pimenta
- Secretário:
Maj Cav Jorge Henriques

Direcção da Revista:

- Presidente:
TCor Cav Miguel Freire
- Vice-presidente:
Maj Cav Paulo Serrano
- Vogal:
Sr. Luís Costa
- Secretário:
Ten Cav Humberto Rosa
- Tesoureiro:
SAj Cav Luis Cacheira

MAJ Cav PAULO SERRANO
IESM



CONVOCATÓRIA



Nos termos do nº 1 do Artº 12º e nº5 do Artº 13º dos Estatutos da Associação Revista da Cavalaria, o Presidente da Mesa da Assembleia Geral convoca cada um e todos os associados para participarem na 12ª Assembleia Geral, que se realizará no dia 26 de Março de 2014, pelas 21h30, no Regimento de Lanceiros Nº2, em Lisboa, e com a seguinte ordem de trabalhos:

- Leitura e aprovação da ata da 11ª Assembleia Geral realizada no dia 17 de Maio de 2013.
- Apresentação e aprovação do relatório anual de atividades e de conta de gerência referente a 2013.
- Apresentação e aprovação do plano anual de atividades para 2014.
- Sítio na Internet da Revista da Cavalaria e a transição para a versão digital
- Informação diversa.

A falta de quórum à primeira convocatória (menos de metade dos sócios presentes até às 21h30) implica uma segunda convocatória, que será no mesmo dia e local mas com início às 22h00. Neste caso, as suas deliberações serão tomadas por maioria de votos dos associados presentes.

Desafios à Liderança

– O exemplo do RC6 (Parte 1)

INTRODUÇÃO

Os tempos hodiernos caracterizados pela mudança, dinamismo e alterações profundas na forma como vivemos a vida, interpretamos os sinais e como mostramos solidariedade, nas suas mais diversas facetas, para com o próximo, entendido como amigo, conhecido, elemento da nossa comunidades local, regional, nacional ou mesmo global (no presente parece-nos atinente pensar em cidadania europeia e mundial ou universal). O quadro das relações, aos mais variados níveis, está em mudança permanente e até a matriz política do tecido partidário está em convulsão. Tecido desbotado e matizado de forma complexa, porque os diversos padrões são necessários para explicar a situação de paralisia em que nos encontramos, caracterizada pelo não alinhamento, eu diria mesmo desalinho, fruto da falta de diversidade, em substância, desta mesma matriz. Os interesses, os laços e as raízes das famílias partidárias, são difíceis de descortinar e muito mais difícil será separá-las, pois os fios da manta de farrapos não tem uma cor única, são multicores, matizados, e mesmo puxando pelos fios de determinada cor a matriz continuará imperfeita.

Neste contexto de dinâmica há mesmo quem diga que comandar

uma Unidade, face aos constrangimentos, onde sobressaem os de raiz orçamental, é mais uma amofinação do que uma bênção ou algoritmo positivo. Permitam-me discordar. Para quem comandou desde o mais baixo escalão, o pelotão (cinco Pel Instrução de Praças, quatro Pel COM's e vários TPO's e CFS's, PelRec no RC6 e EPC e PelCC na EPC), passando pelo Esquadrão (Instrução de Praças, Quadro do Complemento, Reconhecimento, Lanceiros, Policia do Exercito), Grupo (Autometralhadoras, Operacional e Agrupamento MIKE/KTM/KFOR), e Regimento (RC6 e *KAIJA Force Protection/ISAF*), pode e deve concluir com propriedade que o Comando efetivo de tropa, ser líder na verdadeira aceção da palavra, pelo exemplo e a partir da frente, é um extraordinário desafio, que não está ao alcance de todos, mas é acima de tudo a maior satisfação, um orgulho desmedido e honra inigualável em qualquer instituição.

Nesta retrospectiva inicial do Comando relembro os tempos de

Aspirante a Oficial Miliciano, decorria o ano de 1981, e as imagens que povoam o meu subconsciente denunciam a distância e o afastamento que existia entre os postos, entre as categorias e a pessoa do Comandante (Cmdt), que raramente se via, e a cujo gabinete não tínhamos acesso. Este modelo de homem só e distante foi castrador na evolução da forma de comandar. Muitos não conseguiram adaptar-se aos ventos de mudança, à inovação que teima em não parar, e ao estreitamento dos tempos da evolução tecnológica, que no antes era ditada pelas necessidades da guerra, e que hoje passou a orientar-se na direção da materialização crescente da sociedade de consumo e consequente destruição da família, que na ânsia de tudo ter e dar aos descendentes, saqueia-os no que de mais importante há para dar: amor, partilha do bem escasso – tempo -, sentimentos e emoções, ajudar e participar nas diferentes fases do crescimento das crianças - cidadãos do futuro -, da educação em direção à família e à cidadania.

A irradiação do Serviço Militar Obrigatório do tecido educativo ou diria antes formativo, teve consequências muito graves para a sociedade e para a matriz social do pós 25 de Abril de 1974, mormente nas facilidades concedidas na graduação, mestrados e doutoramentos, sem qualquer apego à Pátria mãe por falta de formação base nesse sentido.



COR Cav JOCELINO BRAGANÇA
 RODRIGUES
 DORH

Já nesta altura, no comando do Esquadrão de Lanceiros e mais tarde do Esquadrão de Polícia do Exército da Região Militar Norte, verifiquei da importância de reunir com todos os homens numa base periódica, explicar-lhes o que tínhamos feito bem e prepará-los para os dias que se seguiam. Por outro lado, com o RV/RC, foi também muito importante explorar os mecanismos de ministrar formação profissional a custo zero, envolvendo o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), e de

Esta diversidade de experiências foi extraordinariamente importante para comandar o GAM/BrigInt, trazer inovação e iniciar a digitalização da BrigInt através da participação em exercícios como Cmdt do GAM e também como principal responsável pelo SITCEN para a avaliação do ERec/NRF11. As dificuldades e os ganhos conseguidos com a participação em múltiplos exercícios tornou o caminho do aprontamento do AgrMIKE mais largo, menos sinuoso e a execução da FND com sucesso, sobejamente reconhecido pelas entidades militares e não militares presentes no Kosovo.

O comando exerceu-se pela presença física em todas as circunstâncias, no *PAPA ROMEO CHARLIE* com mais de 40 graus negativos, ou em Mitrovica Norte debaixo da mesma copiosa temperatura, em viaturas sem qualquer climatização. Com Reuniões de trabalho diárias



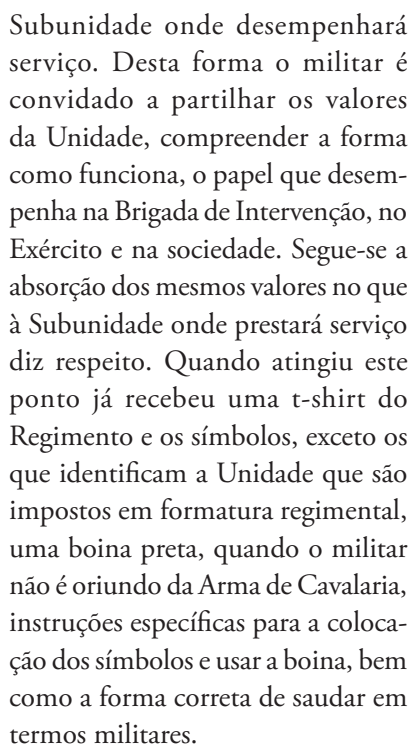




No final do ano (...) os EOp do RC6 apresentam elevados padrões de treino, garantindo a capacidade de projeção e níveis de prontidão superiormente estabelecidos, cumprindo todas as tarefas cometidas com eficiência e eficácia. O RC6 atingiu elevados padrões de desempenho, prosseguindo o esforço conjunto da BrigInt, em particular, e do Exército em geral, na







no campo desportivo. No final é-lhe transmitido que só será graduado do RC6, na verdadeira aceção da palavra, depois de frequentar uma escola de quadros...

Passado o período estabelecido pelo Regulamento Geral do Serviço das Unidades do Exército (RGSUE) o militar está pronto para o serviço, será contudo alvo de *counselling & coaching* por parte dos seus pares e superiores hierárquicos durante a sua permanência na Unidade. Neste âmbito o Adjunto do Cmdt, os Sargentos-chefes e Ajudantes da Unidade desempenham um papel preponderante para a categoria de Sargentos e das Praças, e o Cmdt, o seu EM e os Comandantes das subunidades de igual modo para os Oficiais, Sargentos e Praças debaixo das suas ordens.

as expectativas do pessoal, de sentir o pulsar da Unidade como um todo, mas também das diferentes categorias, no particular para os Oficiais, Sargentos e Funcionários Cíveis, já que receber as Praças individualmente se tornava inoportável face ao efetivo do RC6 nesta categoria (mais de 300). Parece-nos que em cada nível o Cmdt deve exercer este dever e direito de orientar os seus subordinados nas diversificadas situações, mas com especial relevo para a componente profissional, indicando caminhos e possibilidades, em tempo oportuno, evitando a injustiça da não participação, ou não opção por desconhecimento. Deste modo o Comando manteve uma postura de total abertura, às mudanças de situação solicitadas pelas diversas categorias, envolvendo-se e facilitando a troca de Praças entre Unidades, bem como sancionando os movimentos dos graduados do QP, para melhorar a situação familiar e profissional dos mesmos. Por outro lado procuramos colocar sempre os nossos graduados e Praças em Forças Nacionais Destacadas (FND), com prejuízo para a Unidade, o que veio a acontecer de forma sustentada ao longo do Comando, individual e coletivamente para os TO do Koso-





Missões da Cavalaria: Entre a Tradição e a Realidade

I. MISSÕES TRADICIONAIS

As missões **tradicionais** da Cavalaria são as operações de **segurança**, de **reconhecimento** e as **operações ofensivas/defensivas**. Ao longo da história podem-se distinguir diversos tipos de forças de cavalaria que cumpriam estas missões. Por um lado a **Cavalaria ligeira**, cuja principal função no campo de batalha era obter informações para permitir ao comandante tomar as decisões mais adequadas. Eram *os olhos do comandante*! Equipada com cavalos ligeiros, mais tarde com viaturas, possibilitavam o deslocamento rápido no campo de batalha. De uma forma geral, mantiveram o mesmo tipo de missões ao longo dos tempos.

Por outro lado, a **cavalaria pesada** representa o espírito ofensivo da cavalaria. A sua função era atacar nos momentos decisivos para permitir a obtenção da vitória. As características dos cavalos e equipamentos dos cavaleiros faziam a junção da massa com o movimento dando, assim, o poder de choque necessário para quebrar os dispositivos inimigos. Atualmente, são representadas pelas unidades de Carros de Combate (CC) que continuam a cumprir o mesmo tipo de missão. Este tipo de

cavalaria, hoje, como antes, é caracterizado pela exigência de determinados recursos, anteriormente cavalos robustos e de porte, atualmente CC.

Neste artigo considero importante destacar que a Cavalaria assenta na caracterização de acordo com as suas missões típicas e não do tipo de plataforma empregue. Nesta linha de raciocínio considera-se que uma unidade é de cavalaria ligeira pelas missões lhe são inerentes, e não por utilizar meios mais ligeiros para as cumprir. Assim, uma unidade a cavalo da GNR, não é uma unidade de Cavalaria no sentido doutrinário-tático e tradicional, na medida em que não cumpre as missões típicas

da cavalaria, daí no meu entender não ser legítimo ser entendida como herdeira das tradições das Unidades de Cavalaria.

II. O COMBATE MUDOU?

Existem diversas teorias sobre a forma como tem evoluído o combate. A sistematização de acordo com as “guerras por geração” é uma delas. Os defensores desta teoria apontam para que estejamos na época da guerra de quarta geração. À componente terrestre continua-se a solicitar que garanta o controlo de terreno ou da população. Um dos



The major new development is that we no longer speak about « infantry troops » or « cavalry troops » because experience has shown that during operations, infantry and cavalry troops work in an ever closer cooperation. A common name has therefore become relevant. We now speak about "manoeuvre troops".

The manoeuvre battalions more in particular operate with AIV (Armoured Infantry Vehicles) wheeled armoured vehicles, that exist in several versions: fusilier, 30 mm gun and 90 mm gun. The MPPV (Multi Purpose Protected Vehicle) vehicles and the Léopard tanks also are part of the vehicles and equipment used.

Figura 1

MAJ Cav PAULO SERRANO
IESM

autores de referência quando se analisa estes temas, Steve Biddle, refere que o sistema moderno de combate é caracterizado por quatro fatores: a utilização de cobertos e abrigos, a manobra independente aos baixos escalões, a supressão e o **emprego de armas combinadas**. Contudo, apesar de ao nível conceptual existirem alterações, sendo para este caso indiferente a sistematização, o que acontece ao nível tático? Existem diferenças no combate ou não?

Em alguns dos exércitos ocidentais assiste-se à mudança de alguns conceitos, não sendo possível analisar se devido a alterações a nível tático ou razões económicas. No exército Belga foi feita a integração entre a Infantaria e Cavalaria sob a denominação de *Maneuver Troops*, porque de acordo com uma publicação do exército Belga¹ “já não existem diferenças no combate entre a Infantaria e a Cavalaria” (figura 1). Nos EUA assiste-se à implementação dos *Combined Arms Battalions*, que não são mais do que agrupamentos mecanizados constituídos de forma permanente, com implicações na formação e treino dos quadros.

Estes exemplos demonstram que de facto algo mudou. Não significa que estas alterações sejam adaptáveis para à realidade do nosso Exército, pessoalmente não concordo com elas, mas julgo que vale a refletir sobre estes casos para fundamentar o nosso pensamento crítico.

III. A CAVALARIA PESADA

O exército dos EUA alterou a constituição dos Agrupamentos de forma temporária para permanente. Entre nós este assunto tem merecido destaque, sobretudo em trabalhos académicos. O debate acerca do emprego da Cavalaria no exército dos EUA é antigo. No período da guerra civil, por exemplo, a escola mais adepta da cavalaria ligeira apontava para que as missões fossem orientadas para o reconhecimento e para a execução de *raids*, enquanto a escola mais adepta da cavalaria mais pesada apontava para as típicas operações ofensivas, onde predominava o choque (Jarymowycz, 2008: 102.) Aliás, a criação posterior da *Armor branch*, deve-se, sobretudo, à dificuldade encontrada no seio do exército dos EUA em determinar quem ficaria responsável pela integração dos CC, se a Infantaria ou a Cavalaria. Só este facto deve merecer atenção no extrapolarmento, a experiência dos EUA e nacional, nem que seja por questões culturais!

Um dos aspetos que caracteriza o combate moderno são as armas combinadas aos mais baixos escalões. A “guerra mecanizada” reforçou o conceito de armas combinadas, não sendo no entanto um conceito que tenha nascido nesta altura. Em alguma literatura militar dos EUA,

por vezes, depreende-se que foram os “fundadores” ou principais impulsores deste conceito, no entanto este facto é incorreto. Comandantes históricos como Napoleão e Gustavo Adolfo, por exemplo, combatiam através da combinação de Armas, ou seja, empregavam a Cavalaria, Infantaria e Artilharia como um todo, e de forma coordenada, para criar dilemas táticos aos opositores. O que atualmente acontece é que esta combinação, que anteriormente se efetuava a grandes escalões, passa a ser feita ao mais baixos escalões.

Esta tendência vem vindo a acentuar-se cada vez mais com a integração da infantaria mecanizada e CC a fazerem a integração aos mais baixos patamares. Talvez por esta razão se assista a discussões se as Unidades de Carros e de Infantaria Mecanizada se devem integrar de forma permanente.

A Infantaria ao nível dos elementos essenciais de combate² é caracterizada pelo fogo e choque. A Infantaria montada acrescentou o movimento às suas possibilidades, e mais tarde com a mecanização passou a dispor de viaturas que para além do movimento acrescentava proteção até apearem na região dos objetivos. Aqui, no meu entender reside uma das principais diferenças entre a Infantaria e a Cavalaria. O combate montado é executado pela cavalaria. A Infantaria mesmo possuindo viaturas tipo VBTP ou VCI está organizada para apeare e garantir a posse do terreno.

No fundo, as hipóteses que julgo serem exequíveis para análise destas Unidades são:

Manter o modelo nacional – Unidades de Carros de Combate e Unidades de Infantaria Mecanizadas.

Constituição de Agrupamentos Permanentes – à semelhança do modelo do Exército dos EUA.

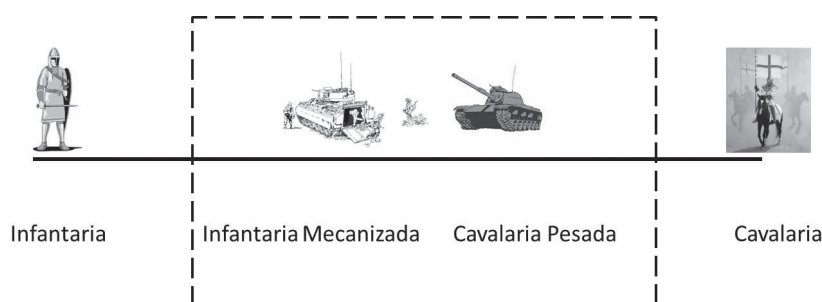


Figura 2

Adolfo, Rei da Suécia (1594 — 1632), comandante militar que se destacou na Guerra dos Trinta Anos, que introduziu alterações significativas na organização, equipamento e emprego da Cavalaria. Considerava que a tática do caracol devia ser abandonada e devia regressar novamente a cavalaria como arma de choque. Considerava que a cavalaria pesada era muito dispendiosa face ao seu emprego no campo de batalha e que a cavalaria ligeira tinha missões secundárias e que deveria ser empregue de melhor forma, assim como os arcabuzeiros e os dragões, que era uma infantaria montada. A consequência foi o estabelecimento de uma organização baseada em duas tropas: os dragões que passaram a integrar os arcabuzeiros e a **cavalaria ligeira** que ficava responsável também pela ação ofensiva (Grbasic, 1993:128).

Também Napoleão possuía na sua organização uma cavalaria média, os dragões. Estavam equipados com sabre, pistolas e um mosquete mais curto do que o da infantaria. Devido às suas características o seu emprego era de conquistar terreno

importante para a força principal e de operações de segurança nos flancos da força. Conforme referido no documento existia uma discussão sobre se os dragões eram infantaria montada ou cavalaria com maior poder de fogo. Mais tarde Napoleão voltaria a empregar os dragões como infantaria montada substituindo as botas altas até ao joelho por polainas para facilitar as operações apeadas.

No livro “A Cavalaria na Guerra Peninsular” é apresentado um quadro onde sistematiza as missões da cavalaria presentes no conflito: franceses e aliados (figura 4).

De notar que por parte dos Aliados, não existia uma cavalaria pesada, estando organizada em dois corpos de tropas: cavalaria ligeira (Hussardos) e cavalaria média (Dragões).



Cavalaria Francesa		Cavalaria Aliada	
Tipo de Unidade	Missões Típicas (designações atuais)	Tipo de Unidade	Missões Típicas (designações atuais)
Cavalaria ligeira Hussardos Caçadores a cavalo Lanceiros	Vigilância; Reconhecimento; Exploração do sucesso; Ligação; Segurança das linhas de comunicação.	Cavalaria ligeira Hussardos Dragões Ligeiros	Vigilância; Reconhecimento; Guarda Avançada; Ligação; Segurança das linhas de comunicação; Desgaste das linhas de comunicações
Cavalaria média Dragões	Ocupar terreno importante (apeado); Segurança de flanco; Ataque imediato; Penetração (excecionalmente).	Cavalaria média Dragões	Combater a cavalaria francesa Atacar os flancos e retaguarda da infantaria francesa; Cobertura da retaguarda quando em retirada
Cavalaria Pesada Couraceiros; Carabineiros a cavalo.	Penetração; Ataque deliberado.		

Figura 4.

V. A CAVALARIA LIGEIRA

Basta fazer uma pesquisa na internet, sem sequer ser muito detalhada, para dar nota da discussão no exército dos EUA sobre a organização das unidades de reconhecimento. Grande parte da controvérsia tem como base a orientação tática dada a estas unidades onde se assiste à orientação cada vez mais para as **operações de reconhecimento** e na obtenção de **informações sem combate**. Esta filosofia assenta no pressuposto de que as unidades estando equipadas com materiais tecnologicamente evoluídos, garantem a informação sem necessidade de se estabelecer contacto com forças adversárias.

Outro ponto de controvérsia tem como base estas unidades estarem cada vez mais vocacionadas para as **operações de reconhecimento**. Existem autores que escrevem a contestar esta filosofia de emprego, sendo um dos aspetos a realçar o aparente divórcio das operações de reconhecimento e das operações de segurança. Neste caso, e tomando como referência esta doutrina, talvez faça sentido a denominação de *Reconnaissance Squadron* em detrimento de *Cavalry Squadron* a este tipo de Unidade. Contudo, aparentemente os atuais conflitos têm mostrado que as unidades de reconhecimento têm de estar equipadas para a obtenção de informações através do combate, se necessário, o que implica viaturas com maior poder de fogo e proteção e que devem voltar a ser capazes de desempenhar as missões tradicionais da cavalaria, nomeadamente o reconhecimento e segurança bem como outras operações dentro do princípio da economia de forças. No fundo devem voltar a serem Unidades de cavalaria e não (apenas) de Reconhecimento, e que para além



Considerações Doutrinárias e de Emprego de Unidades ISTAR e ISR na atualidade

O desenvolvimento da capacidade *Intelligence, Surveillance, Target Acquisition and Reconnaissance* (ISTAR) no Exército Português tem proporcionado diversas reflexões e análises críticas do foro doutrinário, as quais, não sendo consensuais, são primordiais na ótica da adequação dos meios e estruturas já existentes à capacidade que se pretende adquirir, garantindo simultaneamente a otimização e racionalização de recursos.

É nesta lógica que seguidamente serão tecidas algumas considerações doutrinárias sobre esta temática e de que forma tem vindo a ser implementado o conceito ISTAR e *Intelligence, Surveillance and Reconnaissance* (ISR) na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e nos Estados Unidos da América (EUA), respetivamente. Paralelamente a problemática da aquisição desta capacidade poder conduzir à discussão de outra importante questão doutrinária:

- Qual o papel das unidades de reconhecimento nas unidades ISTAR?
- Qual o futuro das unidades de reconhecimento, como sistema de Manobra ou sistema de Aquisição exclusiva de Informações?

Que apesar de não ser o objeto deste artigo, está intrinsecamente associado.

A OTAN tende para uma concentração de meios para a produção de informações concretizando o conceito ISTAR. De acordo com as *Force Proposals 2008¹* (FP 2008), são dadas orientações para o desenvolvimento desta capacidade até 2018, definindo um conjunto de características das suas subunidades e da própria unidade que poderá atingir o escalão batalhão, integrando um escalão brigada. As FP 2008 estabelecem uma clara distinção na organização de unidades ISTAR: as Grandes Unidades pesadas e médias são dotadas de um pelotão de reconhecimento. Relativamente às Grandes Unidades ligeiras, inclusive aerotransportadas, não são dotadas de subunidades de reconhecimento.

No entanto a unidade ISTAR é caracterizada como uma unidade essencialmente ligeira e adequada ao conceito de emprego de forças OTAN, que requer forças modernas, projectáveis, sustentáveis, expedicionárias e detentoras de robusta capacidade de comando e controlo. A OTAN considera ainda um conjunto de elementos que a deverão constituir, entre outros meios ISTAR, uma célula de informação geográfica, um estado-maior

e uma força de protecção imediata, que poderá ser providenciada pelo escalão superior.²

Naturalmente, este conceito OTAN não é linear e assumido na sua aplicação pelos países membros. É assim evidente a descontinuidade doutrinária patente em exércitos de referência como os EUA ou mesmo Holandês. A sua interpretação aliada às necessidades operacionais traduzem um conjunto de experiências de teatros de operações (TO) de grande exigência na área da recolha e tratamento de informação, como é o caso do Afeganistão. O emprego de unidades ISTAR, quer ao nível tático, quer operacional, sem precedentes na história militar, tem-se definido por diferenças substanciais entre os modelos norte-americanos e holandês e aquele preconizado pela OTAN. Estes paradigmas podem conduzir a um exercício mental de liberdade crítica, tão importante em momentos de mudança ou de transformação, interrogando qual o modelo ou conceito tomado como referência para a aquisição desta importante capacidade no Sistema de Forças Nacional (SFN).

O exército dos EUA demarca-se do conceito ISTAR da OTAN como capacidade fundamental no escalão tático brigada e concretiza o conceito de ISR a esse escalão, pese embora os escalões táticos máximos consi-

derados serem diferentes. O modelo americano caracteriza-se essencialmente pela descentralização de meios ao nível das subunidades do escalão brigada que desenvolvem actividades correspondentes à integração e sincronização dos meios disponíveis em apoio às operações correntes ou futuras. As três tipologias de briga-

das norte-americanas refletem este conceito de emprego (Figura 1, 2 e 3). As subunidades executam o plano ISR através dos seus meios orgânicos, sendo cada militar, ele próprio, um sensor.

Os *Scout Platoon* dos *Combined Arms Battalions* e dos *Infantry Battalions* das *Brigade Combat Team* são as unidades mais vocacionadas para as tarefas ISR naqueles escalões. No entanto é o *Reconnaissance Squadron* a principal unidade para a execução de tarefas na área das informações, cabendo-lhe o papel fundamental nas missões de reconhecimento, em detrimento das tradicionais missões de segurança³. Neste contexto não deverão ser esquecidos todos os equipamentos

de observação e reconhecimento que são operados a partir de plataformas veiculares ou mesmo apeadas, tal como acontece com o *Long Range Advanced Scout Surveillance System (LRAS3)* (Figura 4). A existência da *Military Intelligence Company* (MICO), ao nível da *Brigade Combat Team*, garante a análise e integração de



Figura 4 -LRAS3 em plataforma HMMWV
(Fonte: <http://www.army-guide.com/eng/article/article.php?forumID=2166>)

toda a informação recolhida, para além de estar dotada de meios UAV e de vigilância terrestre, os quais são atribuídos em *operational control* (OPCON) ao G2, durante a condução de operações. É conveniente trazer para discussão o facto de no escalão tático máximo – a Divisão, estar disponível uma brigada de vigilância que aumenta extraordinariamente as possibilidades e capacidades ISR, permitindo ao comandante ao nível tático uma *Situational Awareness* oportuna e uma *Common Operational Picture* atualizada.

Como contributo para a discussão doutrinária importa tecer sucintas considerações sobre a capacidade ISTAR no Exército Holandês. É notório o esforço que tem vindo a ser exercido no sentido da implementação, emprego e modernização desta capacidade desde 2001. Atualmente, existe uma unidade conjunta designada por *Joint Intelligence, Surveillance, Target Acquisition and Reconnaissance* (JISTARC), resultante da fusão do Batalhão ISTAR 103 (NL) do Exército, do Centro de Reconhecimento Tático Aéreo da Força Aérea e das unidades de Informações da Marinha e da Polícia Militar.

Esta unidade conjunta ultrapassa a estrutura de escalão batalhão, tendendo para uma estrutura de Agrupamento (+) conjunto ao nível das Forças Armadas (FFAA), salvaguardando a possibilidade de alguns

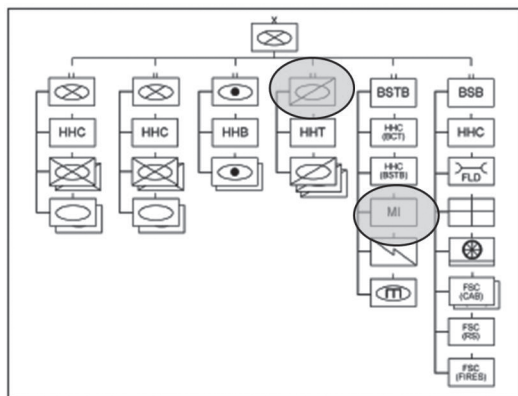


Figura 1 - Heavy Brigade Combat Team
(Fonte: FM 3-90.6 Brigade Combat Team, p. 1-7, Sep 2010)

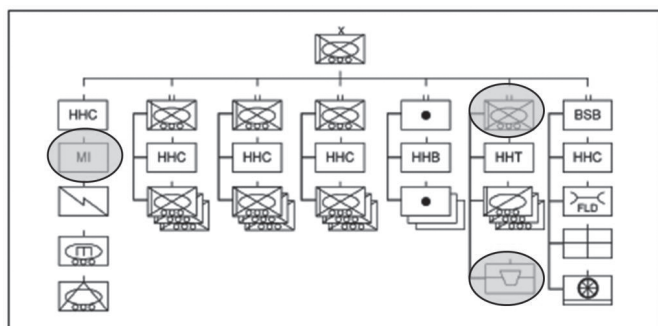


Figura 2 - Striker Brigade Combat Team
(Fonte: FM 3-90.6 Brigade Combat Team, p. 1-13, Sep 2010)

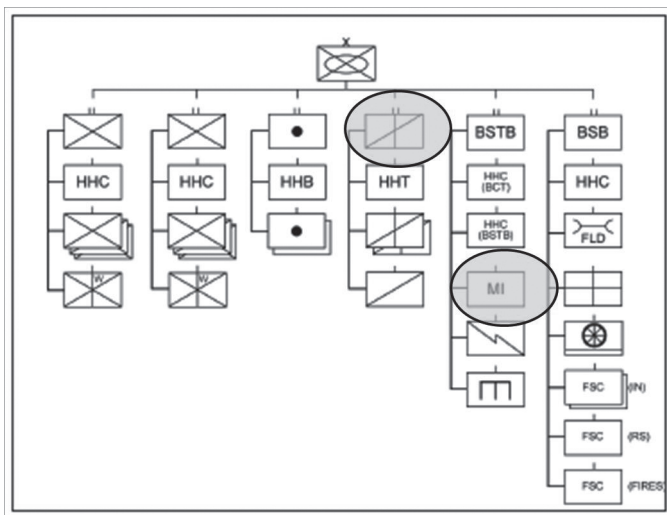


Figura 3 - Infantry Brigade Combat Team
(Fonte: FM 3-90.6 Brigade Combat Team, p. 1-10, Sep 2010)

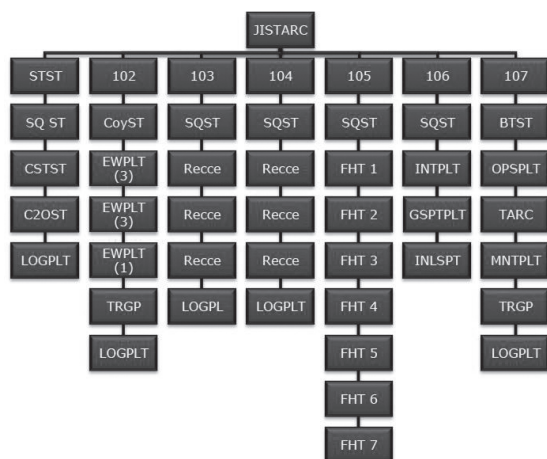


Figura 5 – Estrutura orgânica do JISTARC
(Fonte: relatório da visita da delegação da divisão de planeamento de forças/EME ao Joint ISTAR command. 2011. Holanda)

módulos integrem a componente terrestre e o escalão brigada em particular (Figura 5).

Ao nível do Exército Português, assiste-se a sucessivas diligências no sentido de concretizar a capacidade ISTAR. Desde logo, dois manuais encontram-se em fase de elaboração, enquadrando a doutrina de emprego de uma unidade de escalão batalhão, assim como a doutrina subjacente ao ISTAR, respetivamente com o PDE 2-60-10 BISTAR e o PDE 2-60-00 ISTAR. No entanto o QO 24.0.61 BISTAR de 18AGO09 vem materializar essa capacidade, se bem que existe ainda um longo e árduo caminho a percorrer até à sua efetiva implementação. Interessa avaliar se as subunidades das brigadas deverão ter subunidades de UAV, tal como acontece nos esquadrões de reconhecimento⁴ ou mesmo no

grupo de carros de combate⁵, uma vez que estas são parte integrante do BISTAR. Por outro lado deve equacionar-se qual o escalão da unidade de reconhecimento que se pretende que integre este batalhão e qual o emprego tático, evitando redundância com os diversos meios de ISR disponíveis nas unidades de escalão batalhão. Parece que a experiência e a diversidade de soluções

encontradas por exércitos de referência poderão constituir as linhas orientadoras para o desenvolvimento desta capacidade à dimensão nacional.

Em jeito de resumo constata-se que o conceito ISTAR preconizado pela OTAN não é transversal aos seus países membros. No âmbito OTAN, a doutrina define uma concentração de meios numa mesma unidade, podendo assumir o escalão batalhão. Por sua vez, esta constitui-se como uma subunidade de uma brigada, havendo uma clara distinção da tipologia desse batalhão entre as brigadas pesadas e médias relativamente às ligeiras ou aerotransportadas. Quanto ao seu emprego é notório o baixo nível de proteção que dispõe, implicando a canalização de recursos de outras unidades para colmatar pontualmente limitações. Finalmente, o escalão tático máximo de emprego operacional é a brigada.

Em contraponto, o conceito ISR norte-americano prevê a descentralização dos meios ISR pelas suas subunidades, garantindo elas próprias a sua proteção. A MICO surge como unidade agregadora destas valências, permitindo ao G2 o planeamento e condução do plano ISR sendo o GRec a principal unidade com

responsabilidades na sua execução. Neste particular, assiste-se a uma progressiva mutação das unidades de reconhecimento, tradicionalmente entendidas como unidades de manobra na condução preferencial de operações de reconhecimento e segurança. Na verdade, as unidades de reconhecimento estarão cada vez mais próximas de unidades de apoio de combate integradas na função de combate “informações”.

A particularidade holandesa traz um elemento novo baseado no conceito ISTAR, surgindo ao nível conjunto e integrando de forma racional valências e capacidades espalhadas pelos componentes das FFAA. O conceito salvaguarda a capacidade de alguns dos seus módulos poderem ser empregues num escalão brigada da componente terrestre.

É envolto do conjunto de problemáticas apresentadas que urge a necessidade de ver esclarecidas diversas questões de fundo, de foro doutrinário:

- De que forma se articulam os meios e a que escalão da Unidade ISTAR?
- De modo a corresponder aos requisitos operacionais, não esquecendo o imperioso critério da racionalização de recursos, que tipo de unidades de reconhecimento se pretende integrar na

NOTAS

- 1 FORCE PROPOSALS 08 PORTUGAL (2008). Allied Command for Transformation. NATO
- 2 ATP-77 NATO GUIDANCE FOR ISTAR IN LAND OPERATIONS, p. C-1, edition A, version 1, 2013.
- 3 FM 3-20.96 Reconnaissance Squadron, p. 1-9, Sep 2006
- 4 QO ERec/BrigRR nº 24.0.26 de 03DEC09, EME
- 5 QO GCC/BrigMec nº 08.01.13 de 29JUN09, EME



Apontamentos finais: Reflexões de um Cmdt do GCC - V

PORQUÊ REFLETIR?

Quando em 1987 terminei o 1º ano da Academia Militar (AM) e ingressei no 2º ano e no Curso de Cavalaria (a concretização de um sonho de infância e uma ambição da juventude), o meu Pai ofereceu-me como recompensa uma assinatura anual da *Military Review*¹. Na altura disse-me: “é para treinares o teu inglês e saberes o que se passa na vanguarda do conhecimento militar”. Sem saber (ou talvez mesmo de forma deliberada) o meu Pai estava-me a induzir a um dos mais saudáveis e construtivos hábitos que pode existir na nossa formação profissional ao longo da vida: a leitura. Fui-me habituando a receber, de dois em dois meses, a revista que folheava com a possível compreensão de um cadete de 2º ano. A maior parte dos artigos transcendiam a minha compreensão, mas os que versavam a história militar e a liderança (quase sempre presentes) cativavam a minha atenção. Ao longo do curso da AM fui crescendo e alargando (ainda que pouco) a minha capacidade de compreensão, mas constatava que os autores dos artigos publicados não se limitavam a militares, havia também civis a escrever. Também era perceptível da parte dos autores uma vontade de partilhar conhecimento, acompanhada muitas vezes de genuínas reflexões e avaliações críticas

às sucessivas evoluções doutrinárias, organizacionais e de reequipamento do Exército Americano. Interiorizei (talvez sem me aperceber na altura) que era expectável de todos os militares uma atitude crítica e construtiva para um coletivo melhor (neste caso o Exército Americano).

O hábito de ler esta revista levou-me, já como Aspirante a Oficial de Cavalaria, a assinar a revista da Cavalaria Americana (Armor²). Aqui os conteúdos tornaram-se muito mais perceptíveis, pois tratavam dos baixos escalões que então, e de uma forma mais prática e intensa, passavam a preencher o meu quotidiano. Mantive a assinatura durante muitos anos e durante os meus tempos de subalterno e capitão em Santa Margarida, como oficial do GCC e do ERec, no RC4, fez parte da minha leitura regular. Constatei, muitas vezes, que um bom artigo me ensinava mais que um turno inteiro³ de saídas para o campo com o meu Pelotão de Exploração em que nos limitávamos, turno após turno, a recomeçar do zero. Era no que lia na revista Armor que procurava alargar os meus conhecimentos técnicos e táticos da Cavalaria encontrando formas criativas para treinar as unidades que sucessivamente ia comandando.

Depois do Curso de Promoção a Capitão na Escola Prática de Cavalaria, em Santarém, tive a oportunidade de frequentar o *Armor Officer Advanced Course em Fort Knox*⁴ e aqui – por um acaso de sorte – “tra-

vei conhecimento” com o *United States Marine Corps* (USMC) uma vez que o meu *small-group instructor* e o meu sponsor eram ambos do USMC. Fiquei encantado com o espírito deste Corpo e com a forma pragmática como se orientavam na doutrina, treino e reequipamento, mas principalmente com o *ethos* que partilhavam. Desde essa altura, 1997, que assino a *Marine Corps Gazette* e, embora muito distante em realidades físicas, históricas e culturais do nosso Exército, vai contribuindo – de uma forma geral – para a reflexão sobre a nossa realidade profissional. Talvez por tudo isto tenho ao longo dos momentos da minha vida profissional que considero chave (e que mais prazer me deram) procurado partilhar experiências, ensinamentos mas, acima de tudo, reflexões. Considero que o mínimo que se deve exigir a um profissional de armas é a reflexão. Aconteceu assim logo em Alferes e Tenente quando o comando de um Pelotão CC M48A5 e do Pelotão de Exploração/EAC/GCC me abriram as portas à realização pessoal, depois já capitão, como Comandante de um Esquadrão de Reconhecimento projetado 9 meses no Teatro de Operações do Kosovo e de uma forma geral ao longo de outras funções, ou estimulado por livros ou filmes⁵. A motivação pessoal foi sempre de partilha e de compromisso assumido por posições inequívocas que pudessem contribuir para a reflexão e em último caso para a concretização de

TCOR Cav MIGUEL FREIRE
AM.

um Exército melhor. O resultado prático foi, entre alguns comentários de apreço, outros que se interrogavam “quem é que este julga que é”, ou então, num caso mais dramático o “convite” pelo Comandante direto a escrever outro artigo a inverter aquilo que tinha escrito. Mas isto foram exceções. Constatei que líamos pouco e falávamos ainda menos sobre o que líamos.

O Comando do GCC foi também uma experiência sobre a qual não podia deixar de refletir. A série de artigos publicados na Revista da Cavalaria a que chamei “Reflexões de um Cmdt do GCC” termina neste número com a parte V. Articulei os artigos da mesma forma que tentei abordar o comando do GCC: primeiro, a história e o respeito por todos os que nos antecederam, depois a prontidão para o combate – articulada na Condição Física, Proficiência Técnica e Desembaraço Tático – e, finalmente, a reflexão do realizado prospetivada no futuro. Esta última fazendo jús, e sem inibições!, ao estatuto que o meu posto – Tenente-Coronel com 27 anos de carreira –, a minha idade – 45 anos, e a minha condição de cidadão – contribuinte com agregado familiar e pai de três filhos – me dão.



A CAVALO

A tomada de posse como Comandante do GCC tinha que espelhar aquilo que pretendia: uma forma criativa e empenhada de comando. Há muito que tinha decidido que um dia que tomasse posse no comando de uma unidade queria fazê-lo de forma que espelhasse uma maneira diferente de estar e de encarar o comando⁶. Decidi fazer a minha chegada à unidade e receber a primeira continência dos militares que ia comandar, montado a cavalo. As razões eram simples e foram, de imediato, explicadas no meu discurso: “*não é todos os dias que um Comandante que toma posse chega montado a cavalo, digo-vos que talvez até seja inédito. É por isso que vos devo uma explicação. Foram duas as razões para esta minha opção: A primeira, queria fazer-vos ver a importância de relembrar a nossa história, a nossa identidade de cavaleiros. Como cavaleiros a forma como somos foi moldada pelo convívio de quase novecentos anos com este magnífico animal. A forma como nos devemos preocupar com os nossos carros de combate ou viaturas foi-nos ensinado pelo cavalo. Se queremos continuar a ser bons cavaleiros, temos que nos lembrar disto todos os dias. Aparecer montado a cavalo foi talvez a forma mais criativa, mas também a mais arriscada para o fazer – porque o cavalo, como animal irracional que é, e não habituado a este lugar com tantas pessoas, podia simplesmente recusar-se a avançar, assustar-se, dar umas cangochas e espetar comigo no chão, precisamente à frente de todos vós! Felizmente não o fez e ele próprio interiorizou a importância desta simples cerimónia.*”

Esta explicação leva-me à segunda razão para aparecer montado a cavalo: criatividade e risco. Duas características que interiorizei como indispensáveis na profissão d’armas e que, desde o primeiro instante, vos queria dar como exemplo:

Criatividade: há sempre uma forma diferente de fazer as coisas. E esta atitude de “fazer diferente” obriga-nos a estar despertos, atentos e alegres. Mas a diferença obriga-nos a correr riscos porque saímos do que já foi testado e correu bem, obriga-nos a entrar no desconforto do que pode correr mal, magoar-nos e prejudicar-nos.

Camaradas d’armas, ponderados os riscos e minimizados os seus eventuais impactos, decide-se, sempre, em favor da criatividade! Porque, acreditem!, os tempos que se aproximam serão bastante difíceis! A actual conjuntura decorrente das sérias dificuldades financeiras que o nosso país está a atravessar terá um tremendo impacto no dia-a-dia das nossas unidades. A falta de pessoal e de recursos financeiros vão agravar-se e teremos de recorrer à nossa criatividade, imaginação e ao gosto pela nossa profissão para arranjarmos formas de treino para manutenção das nossas qualificações enquanto unidades operacionais. Para tempos difíceis, unidades coesas e motivadas. Não tenho dúvidas que com o esforço e empenho de todos continuaremos a honrar as tradições e o empenho dos nossos antecessores e continuaremos a ser uma unidade coesa e motivada”.

PARTILHAR

A sociedade de hoje é chamada “do conhecimento” e as organizações, sendo o Exército uma delas, esforçam-se por desenvolver uma cultura institucional de aprendizagem e transformação, na procura da sua sobrevivência no mercado (no caso empresarial) ou na procura da imposição da vontade a um adversário que se opõe (no caso militar). Mas esta cultura não é fácil de interiorizar, na verdade, no caso do nosso Exército, não temos nem humildade nem vontade de aprender com as situações. Veja-se que mesmo com incidentes graves somos incapazes de partilhar: um acidente gravíssimo com o slide

Isto traz-me a uma das situações que acabou, curiosamente, por ser das mais delicadas no meu tempo como Comandante do GCC. Um dia de manhã fui informado por um dos comandantes de esquadrão que o militar “y” tinha sido visto em praça pública envergando o camuflado e uma boina de uma qualificação que não correspondia nem à sua unidade nem a qualquer especialidade que tivesse adquirido por esforço próprio. O facto tinha sido registado em telemóvel e circulava entre algumas praças. Considerei tal comportamento de uma tremenda infantilidade que confesso que nem o considerei justificativo para levantar um processo com vista a uma punição. Esta decisão contrária ao que sempre defendi e tentei praticar quando em funções de comando nas quais fiz

o mesmo se passando com a sua vontade de rescisão de contrato. Nos dias e semanas seguintes a situação correu de forma que considerei natural embora com a adicionante de uma familiar do militar tentar entrar em contacto comigo. Embora tenham sido facultados os contactos necessários nunca chegámos à fala e entendi que não deveria ser eu a procurar estabelecer esse contacto, muito menos depois de me terem dito que a familiar tinha ameaçado pôr a questão na comunicação social. Ao longo destas minhas diligências nunca informei o meu Comandante directo – o Comandante da BrigMec – por entender que se tratava de um assunto que por vezes acontece na instituição militar e que estava no meu patamar de resolução. A familiar do militar em questão não falou com a comunicação social mas enviou uma carta para a Comissão Parlamentar de Defesa Nacional denunciando o “espancamento e humilhações” a que tinha sido sujeito o seu familiar na unidade militar onde estava colocado, anexando fotografias alegadamente comprovativas da violência a que tinha sido submetido. Foi pois, pelo escalão superior, que o meu Comandante de Brigada teve conhecimento do sucedido. Na ideia de desvalorizar um incidente isolado, mas passível de acontecer numa unidade militar (ou qualquer outra), via-



me agora abraços com uma situação empolgadíssima. Expliquei ao meu General Comandante que estava conhecedor do assunto desde a primeira hora e que não o informei por ser um assunto menor com resolução ao meu nível, que tinha conduzido as averiguações sumárias necessárias e suficientes para me fazer decidir da não necessidade de processos disciplinares contra os alegados agressores. Mesmo contra a ambiguidade das fotografias o comandante deixou clara a necessidade de punir os alegados agressores. As minhas decisões eram legitimamente questionáveis mas não era agora, volvidos quase dois meses do sucedido, que uma carta dirigida à Comissão Parlamentar de Defesa Nacional e um General Comandante a aconselhar uma punição exemplar – sob a ameaça de poder vir a ser eu o alvo de averiguações – que me iam fazer inverter as decisões que tinha tomado. De facto, se a cadeia de comando não estava confortável com elas, quem tinha de ser averiguado era eu. Quando me foi solicitado apresentei por escrito todas as diligências que efetuei e o racional por detrás de cada uma.

Hoje, tal como na altura, sei bem quais os momentos sensíveis do percurso que deliberadamente fui tomando e é com genuína abertura e profissionalismo que os partilho aqui:



– Ao não enveredar por um processo formal nem mesmo por uma qualquer “benficada” poderia estar a induzir as praças a agirem por sua conta. Não foi essa a minha intenção. Considerei como solução a indiferença e algum desprezo. Não fiquei incomodado quando soube que, entre praças, tinha havido alguma verbalização mais rude e algum exercício físico. O esclarecimento da minha postura como Comandante para determinados assuntos mais sensíveis (nos quais se incluíam as praxes e os “castigos físicos”) tinha sido objeto de uma das primeiras sessões que tive com as praças mais antigas dos esquadrões em que me esforcei por deixar claro, na presença dos comandantes de esquadrão e respetivos adjuntos, que aceitava num contexto de camaradagem formativa que houvesse algum exercício físico como forma persuasiva, mas que não me confrontassem com situações de abuso de poder, falta de respeito e humilhações, pois seria implacável. Da vivência da unidade não tive sinais que não fosse esse o caminho seguido, mais, das averiguações realizadas quem eu confirmei que tinha o hábito de mentir não eram os alegados agressores mas quem se vitimizava. Por isso mesmo não tive dúvidas em tomar as minhas decisões.

– Ao não procurar o contacto com a familiar do militar poderia estar a dar a ideia de querer ocultar alguma coisa. A verdade é que pensando que não tinha nada a temer não me senti nunca na obrigação de procurar ser eu a estabelecer o contacto, mas também admito que perdi alguma razoabilidade quando me foi comunicada a ameaça de levar o caso para a comunicação social. Como me sugeriu o meu Comandante, á



posteriori, poderia ter procurado o contacto da pessoa para lhe explicar que quem estaria a ter um comportamento incorreto seria o militar “y”. Mas reconheço não ter tido esse bom-senso.

– Ao não comunicar a situação ao meu comandante poderia deixar a ideia de falta de lealdade. Não se tratava de falta de lealdade, apenas a convicção que cada assunto deve ser resolvido ao seu nível. Não nutro particular preocupação com a ideia (muito em voga hoje) que tudo deve ser informado e validado ao mais ínfimo pormenor pelo escalão superior. É certo que as modernas tecnologias facilitam e a ditadura do “militarmente correto” faz crer que seja o caminho certo, mas não é isso que se tenta interiorizar nas lideranças militares, só assim se pode explicar desde há algumas décadas a insistência na ideia do “Comando-missão” e a sua introdução na nossa doutrina. Mas para o “Comando-missão” são preciso cadeias de comando que partilhem valores e atitudes. Digo isto tendo consciência que todos nós somos ponto intermédio dessa cadeia, ou seja, temos superiores e subordinados. E “decidir ao seu nível” é também aceitar que o meu superior pode não concordar com as decisões tomadas e agir em conformidade.

Exército Português

Carros de Combate (3.ª parte)

– CARROS DE COMBATE DE ORIGEM CANADIANA

Em 1956, o governo português aceitou a cedência pelo Canadá, ao abrigo do auxílio mútuo da NATO, de um conjunto de carros de combate obsoletos, destinados às divisões de segunda linha, que acreditava ter capacidade de levantar, para serem utilizadas em caso de conflito europeu.

Na prática, essas divisões nunca chegaram a ser criadas e grande parte do material acabou por se degradar em depósito.

Do lote faziam parte:

- 90 carros de combate ligeiros M5A1 Stuart (Carro de Combate M5 A1 Can. 15 Ton. 3,7 cm m/1956);
- 50 carros de combate médios M4 A1 Grizzly (Carro de Combate Sherman “Grizzly” M4 A1 32 Ton. 7,5 cm m/1957).

Os CC M5 A1, inicialmente, foram destinados ao RL 2, mas, muito pouco tempo depois foram atribuídos da seguinte forma:

EPC	5 (1957 – 1966)
RL1	7 (1957 – 1956)
RL2	7 (1956 – 1963)
RC3	7 (1957 – 1966)
RC6	7 (1957 – 1966)
Academia Militar	2 (? - ?)
Guarda Nacional Republicana	7 (1957 - ?)
Região Militar de Angola	3 (1967 – 1974)

Estes carros de combate substituíram os CC Valentine nos Esquadrões de Reconhecimento.

Os carros de Combate M4 A1, Sherman “Grizzly”, foram destinados:

- À EPC 5 (1958-1966)
- Ao RC 7 3 (?) (1957-1966)
- Os restantes ficaram no Depósito Geral de Material de Guerra (Beirolos).

Para todo este material vieram emissores-recetores P 19 MK III, novinhos em folha, de origem canadiana.

A Arma de Transmissões optou por transferir os velhos P 19 MK I e MK II dos Valentine, dos Centauros e das Autometralhadoras Humber para os M-4 A1 e M-5 A1, algumas destas viaturas ficaram mesmo sem equipamento rádio. Os P 19 que os canadianos enviaram nunca chegaram a ser descaixotados, com exceção de 10, que foram requisitados pela EPC. No início dos anos

oitenta, estes rádios foram enviados para a siderurgia, a fim de serem destruídos.

Os CC M-4 A1 de origem canadiana deram sempre problemas devido à falta de sobressalentes e de uma manutenção adequada.

Não foram recebidas munições, utilizavam-se as já existentes em Portugal para o CC M-24.

1. Carro de Combate M5 A1 Can. 15 Ton. 3,7 cm m/1956

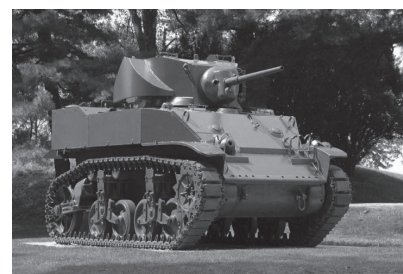


Fig. 28 - Carro de Combate M5 A1 15 Ton. 3,7cm m/1956
Fonte: Wikipedia

Foi o carro de combate que substituiu os Valentine nos esquadrões de reconhecimento das unidades de Cavalaria.

Três destes carros foram utilizados em Nambuangongo (Angola), integrados no BCav 1627. Estes carros chegaram a entrar em combate, durante missões de protecção a colunas auto, onde tiveram sucesso. Nas emboscadas a possibilidade do M5A1 se dirigir rapidamente contra o inimigo desorganizava as forças atacantes e permitia ganhar supe-

Fig. 29 – Caraterísticas do CC M-5 A1 Canadá

Não vieram munições para este carro. Utilizava as da peça da Autometralhadora Humber e das metralhadoras .30 dos carros de combate M-47, M-24 e Shermans oriundos dos E.U.A..

Antes de se por o motor a trabalhar, o carro tinha a particularidade de ser necessário tirar as velas dos cilindros inferiores e dar com a manivela à cambota 50 voltas.

As dificuldades de manutenção, resultantes da falta de pessoal técnico e de sobressalentes, obrigaram a um modesto desempenho deste equipamento.



A ligação com a infantaria era assegurada pelo WS-88 que nunca chegou a ser montado. As unidades de alimentação deste rádio foram aplicadas nas autometralhadoras Ferret para fornecerem corrente ao rádio IRET PRC-39 6x e assegurarem a intercomunicação. O equipamento



33

LISTA DE LEITURA PROFISSIONAL DA REVISTA DA CAVALARIA 2013-2014

Todos os anos, em muitos exércitos de países nossos aliados na NATO, e com o patrocínio dos respetivos generais Chefes de Estado-Maior, são emitidas listas de livros que pela sua pertinência, intemporalidade e importância constituem excelentes ferramentas de trabalho para o desenvolvimento ético e profissional de todos os “profissionais de armas”, independente do posto.

Nesta quinta edição da sua Lista de Leitura Profissional, a Revista da Cavalaria pretende uma vez mais sensibilizar e contribuir para a divulgação da importância da leitura, enquanto ferramenta para o desenvolvimento individual de cada um. Mantivemos a organização das obras propostas (reflectindo tanto quanto possível as novidades editoriais) por cinco grandes temas: História Militar; Estratégia; Tática; Adaptação e Liderança Militar. Neste ano temos um incremento de autores portugueses (muitos deles oficiais do exército) mas as obras em língua inglesa continuam incontornáveis.

Boas leituras!

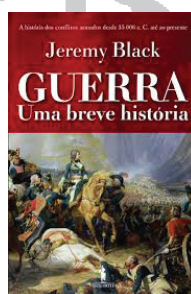
A Direcção da Revista da Cavalaria

HISTÓRIA MILITAR



Título: Na Sombra do Expedicionário
Autor: Fernando Rita
Editores: Fronteira do Caos, 2013
Língua: Portuguesa

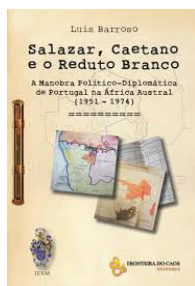
A Grande Guerra será uma temática incontornável nos próximos quatro anos, período correspondente ao centenário desta Primeira Guerra de carácter mundial. Nesta obra temos a possibilidade de percorrer, através de oito protagonistas, o universo humano da participação portuguesa, em África e na Europa. Um dos protagonistas é comandante do Grupo de Cavalaria do CEP. A Revista da Cavalaria teve a honra de ser patrocinadora desta obra. (Ler pág. 37-38).



Título: Guerra. Uma breve história
Autor: Jeremy Black
Editores: Dom Quixote, 2013
Língua: Portuguesa

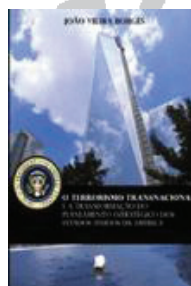
A guerra faz parte história da humanidade. Escrever uma breve história deste aterrador fenómeno não é fácil e, às vezes, até pode ser enganador. Mas o autor conduz-nos num percurso que segue os grandes temas ainda hoje pertinentes: a variedade dos contextos militares; os diferentes sistemas e métodos de fazer a guerra e a capacidade de, com cautela e realismo, fazer o levantamento do que se é capaz de empreender.

ESTRATÉGIA



Título: Salazar, Caetano e o “Reduto Branco”
Autor: Luis Barroso
Editores: Fronteira do Caos, 2013
Língua: Portuguesa

Aos poucos vão surgindo obras que se debruçam, com rigor científico, sobre a história recente de Portugal. No caso em apreço trata-se de um estudo sobre a manobra político-diplomática de Portugal na África Austral, permitindo perceber todas as vertentes de um esforço que envolvia os países da região numa relação, algumas vezes de fragilidade, e contra os ventos do tempo.



Título: O Terrorismo Transnacional e o Planeamento Estratégico de Segurança Nacional dos EUA
Autor: João Vieira Borges
Editores: Fronteira do Caos, 2013
Língua: Portuguesa

A obra é um precioso auxiliar para compreender o impacto do “11 de setembro” no planeamento estratégico e de segurança nacional dos EUA e, por consequência, na sua atitude face ao mundo. O capítulo “da Estratégia” percorre um interessante caminho sobre a evolução desta arte e ciência.

TÁTICA



Título: Conflitos e Arte Militar na Idade da Informação

Autor: António Telo & Nuno Lemos Pires

Editora: Tribuna, 2013

Língua: Portuguesa

Este ensaio aborda entre diversos assuntos interessantes, o nível técnico dos armamentos e equipamentos militares da componente terrestre. Trata-se de uma obra de leitura aconselhável aos que no presente ou futuro estejam, direta ou indiretamente, relacionados com processos de estudo, análise e decisão em matérias de “segurança e defesa”.

Général Michel YAKOVLEFF

TACTIQUE THÉORIQUE

Préface du général de corps d'armée Pierre GABRIEL DU GRANDCHAMP

Illustrations de Dominique

2^e édition



Título: Tactique Théorique

Autor: Michel Yakovleff

Editora: Economica, 2009

Língua: Francesa

A obra oferece uma abordagem teórica à tática com o objetivo de compreender a guerra no seu patamar mais baixo: o do executante, o do líder militar que em combate se confronta fisicamente com os desafios do perigo e do medo. Refletindo a “escola francesa” mas suportada numa abordagem histórica universal a obra é uma referência obrigatória e necessária à tática de todas as armas e serviços.

ADAPTAÇÃO & LIDERANÇA MILITAR

Military Adaptation
in Afghanistan

— Edited by —
THEO FARRELL, FRANS OSINGA, AND JAMES A. RUSSEL



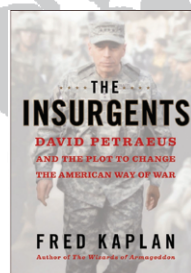
Título: Military Adaptation in Afghanistan.

Autores: Theo Farrell, Frans Osinga e James A. Russel.

Editora: Stanford University Press, 2013

Língua: Inglesa

A exigência do adversário e a dureza geográfica do próprio território fizeram do Teatro de Operações do Afeganistão um profundo esforço de adaptação dos Exércitos da NATO que para ele projetaram contingentes ao longo da última década. Esta obra contém um conjunto de ensaios que analisam esse desafio na perspectiva nacional de alguns países da NATO, como também ao longo da história daquele território.



Título: The Insurgents

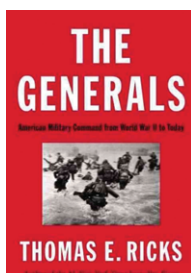
Autor: Fred Kaplan

Editora: Simon & Schuster, 2013

Língua: Inglesa

A obra revela e analisa o percurso criativo e académico da equipa liderada pelo General Petraeus na forma de trazer para o centro do esforço doutrinário e operacional do Exército Americano a ideia da “contra-subversão”. O autor qualifica de subversiva a forma como essa lenta, mas determinada, transição foi realizada. A análise é detalhada e abrangente permitindo, entre outros aspetos, compreender o decisivo papel dos académicos civis que sabem, como poucos, de assuntos militares.

LIDERANÇA MILITAR



Título: The Generals

Autor: Thomas E. Ricks

Editora: Penguin Press, 2012

Língua: Inglesa

Escrito por um dos autores mais marcantes da última década, esta obra apresenta-nos um estudo e reflexão sérias e acutilantes sobre o desempenho em combate do corpo de oficiais gerais do Exército Americano desde a 2ª GM até ao Iraque. Sem rodeios o autor analisa o desempenho dos generais e as alterações ao processo de escolha destes oficiais para comando de unidades de combate e o seu relacionamento o poder político.



Título: Le Casque et La Plume. Lettres de Commandement

Autor: Olivier Kempf

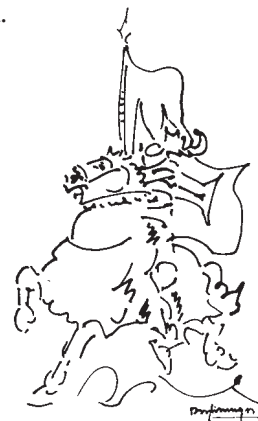
Editora: Economica, 2010

Língua: Francesa

O autor é um coronel de Cavalaria do Exército Francês e a obra é uma compilação organizada de cartas dirigidas a um capitão sobre o exercício do Comando. São reflexões mas também abordagens pragmáticas e uteis no que o autor considera uns dos momentos altos da carreira. Embora dirigidos a capitães o livro merece uma leitura dos Comandantes dos capitães e dos graduados comandados por estes.







VIII Curso de Controlo de Tumultos



As 166 horas de formação que constituem este curso foram repartidas em sessões teóricas em sala, sessões práticas, um conjunto de palestras com entidades especialistas em áreas de interesse e ainda três dias de exercícios na área de Lisboa e Mafra onde os formandos tiveram oportunidade de colocar em prática e aprofundar os conhecimentos adquiridos. A cerimónia de encerramento do curso decorreu na Sala dos Comandantes e foi presidida pelo Excelentíssimo 2º Comandante das Forças Terrestres que proferiu algumas palavras onde enalteceu o esforço despendido por formandos e formadores e desejou as maiores felicidades aos Militares recém-formados.

Apresentação do Sargento-Mor do RL2



Da sua folha de serviços constam nove condecorações, doze louvores, dos quais se destaca um concedido pelo General CEMGFA, dois pelo General CEME e quatro concedidos por outros Oficiais Generais e duas referências elogiosas.

XV Concurso de Equitação do RL2



Este evento contou com a participação de conjuntos das várias Unidades do Exército, Guarda Nacional Republicana e Entidades Cívicas convidadas. Após a realização das provas, teve lugar a cerimónia de entrega de prémios aos conjuntos melhor classificados na área da piscina do Regimento, seguindo-se um almoço convívio para todos os Cavaleiros e convidados no refeitório geral.

Cerimónias Comemorativas do Dia de Portugal

montagem e organização de um dos parques de imprensa e zona VIP e ainda auxiliar no controlo da circulação militar durante a concentração e desconcentração de forças participantes na cerimónia militar.

XXXII Peregrinação Militar Nacional a Fátima



Esta missão foi cumprida pelo 2º Esquadrão de Polícia do Exército que fez deslocar para o Santuário de Fátima uma força constituída 3 graduados e 10 Praças.

Rotação do Pelotão PE da KAIA APOD Force Protection



Revista da Cavalaria | Maio - Agosto 2013

XXXI CNC DRAGÕES DE OLIVENÇA



VISITA AO RC3 DE UMA DELEGAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS DO BRASIL



Esta visita inseriu-se no âmbito do Programa D. Afonso Henriques, e decorreu no período 20 a 28 de Maio de 2013, estando incluídas no programa desta actividade visitas a Unidades e Órgãos do Exército Português, entre o quais o Regimento de Cavalaria Nº3.

EXERCÍCIO SETORIAL DO EREC/ BRIGRR CENTAURO 13 E EXECUÇÃO DE FOGOS REAIS NO CSM



No dia 30 de Maio de 2013, o ERec/BrigRR realizou ainda, no Polígono de Tiro da Brigada Mecanizada, fogos reais de metralhadoras ligeiras, pesadas, mísseis anti-carro e morteiro e lançamento de granadas de mão.

PARTICIPAÇÃO DO RC3 NA CERIMÓNIA MILITAR DO DIA DE PORTUGAL, DE CAMÕES E DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS



O Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas foi comemorado na cidade de Elvas. Na Cerimónia Militar o RC3 participou com uma força escalão Batalhão a dois Esquadrões e participou nas Actividades Militares Complementares (AMC), com uma mostra estática de uma VBR M11 com respectiva guarnição bem como montou e operou a Torre Multi-actividades

CELEBRAÇÃO DOS 350 ANOS DA BATALHA DO AMEIXIAL



onde foi efectuada a cerimónia de Homenagem aos Mortos em Combate, caídos no campo da vitória, com deposição de coroas de flores e oração. Posteriormente, realizou-se uma parada militar na praça do município de Estremoz, tendo esta decorrido com o simbolismo e o brio próprios e dignos do evento.

PARTICIPAÇÃO DO EREC/BRIGRR APOLO/HOT BLADE 13



Decorreu, entre 17 e 31 de Julho de 2013, na Zona de Tancos e no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM), o exercício anual da Brigada de Reação Rápida que representa o culminar de um ciclo de treino operacional. O Esquadrão de Reconhecimento participou neste exercício com um total de 94 militares e 20 viaturas. O cenário que foi utilizado vai de encontro às Operações de Evacuação de Não Combatentes (NEO), onde é preconizado a existência de uma zona de conflito, onde poderá, eventualmente, ser empregue a Força de Reação Imediata (FRI) das Forças Armadas, com o intuito de extrair cidadãos nacionais., podendo estas ser atribuídas a este Esquadrão, caso venha a ser integrado nessa Força.

VISITA DE UMA DELEGAÇÃO DO MDN



A visita terminou com o almoço na Casa de Oficiais.

A black and white photograph of a rider on a dark horse jumping over a striped obstacle. The rider is wearing a light-colored shirt and dark pants. The horse is in mid-air, clearing the jump. The obstacle consists of two vertical standards with horizontal bars. The background shows a grassy field and some trees.



Regimento de Cavalaria nº 6

VISITAS AO RC6



No período de maio a agosto de 2013, visitaram o Regimento 968 crianças e 128 adultos, oriundos de diversos estabelecimentos de ensino, creches e jardins-de-infância da região de Braga.

APOIOS



De maio a agosto de 2013, o RC6 efetuou diversos apoios a entidades civis e militares dos quais se destacam: Apoio ao Hospital de Braga, Clube de Orientação do Minho, Escolinha do Sporting Clube de Braga, IV Feira do Cavalo em Cabeceiras de Basto, FNAC de Braga, Banco Alimentar Contra a Fome, Câmara Municipal de Vila Verde, Centro de Recrutamento Braga, AKI de Braga, Câmara Municipal de Amares, Companhia de Caçadores 152, XXIV Encontro Internacional de Gigantones e Cabeçudos, Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental, Grupo Folclórico de Escudeiros e ao Clube Náutico de Prado.

EXERCÍCIOS MILITARES



Neste período, decorreram os seguintes exercícios:

- 03 a 10Mai13 Mercúrio 13 no RI19;
- 15 a 17Mai13 MPC do Dragão 13 no RI13;
- 24 a 28Jun13 Mercúrio na Póvoa de Lanhoso;
- 28Jun a 05Jul13 Plutão 13 no RI19;
- 22 a 30Jul13 Dragão 13 na região de Murça.

CERIMÓNIAS RELIGIOSAS

O RC6 esteve presente em várias comemorações de cariz religioso, das quais se destacam: Guarda de Honra na Procissão da Invenção da Santa Cruz em Barcelos, Guarda de Honra na Cerimónia de Inauguração do Monumento aos Combatentes do Ultramar no Concelho de Amares, Guarda



de Honra na Cerimónia de Inauguração do Monumento aos Combatentes do Ultramar na freguesia de Louredo, Procissão de S. João de Braga e Guarda de Honra na Cerimónia de Homenagem aos Limianos falecidos na Guerra do Ultramar.

XXX CONCURSO NACIONAL DE COMBINADO



Em 21 e 22Jun13 o Regimento realizou o seu XXX Concurso Nacional Combinado. Esta prova do calendário Equestre Militar, juntou 53 conjuntos que disputaram as provas referentes ao CNC Preliminar e CNC 1 Estrela e provas Open de obstáculos (0,5m, 1m, 1,10m e 1,15m). Vencedores CNC Preliminar e CNC *: Alferes de Cavalaria Diogo Rato com o Opressor de Fôja e Furriel da GNR Silva Fortes com Xeique, respetivamente.

CERIMÓNIAS MILITARES



De 30Mai a 06Jun13 o RC6 participou nas Cerimónias Comemorativas do Dia da Brigada de Intervenção em Coimbra.

De 07 a 10JUN13, o Regimento participou nas Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, na cidade de Elvas. No âmbito das Comemorações do Dia do RC6, foram promovidas várias atividades que envolveram não só o Regimento, mas a própria comunidade civil da região de Braga. As atividades desenvolvidas tiveram o seu início em Junho, com o III Torneio de Golfe do RC6, a 4.ª Corrida da Amizade, o Concerto da Orquestra Ligeira do Exército, o Theatro Circo e a Cerimónia Militar, que decorreu no dia 19 de julho e que foi presidida pela S. Ex.ª o GEN CEME. O Dia do Regimento foi igualmente aproveitado para a realização de uma homenagem ao TGen Medeiros.

RC6 EM MOVIMENTO



Em 06 e 07Jun13 participação de militares no Campeonato Desportivo Militar Duatlo BTT Fase III – Exército no CMEFD.

Em 13Jul13 realização da 4.ª Corrida da Amizade na Cidade de Braga, aberta a atletas federados e não federados, militares e civis.

RC6 SOLIDÁRIO



Em 11Jul13 cerca de uma centena de militares participaram numa dávida de sangue realizada no Regimento em parceria do Instituto Português do Sangue.

Em 16Jul13, o Regimento de Cavalaria Nº organizou mais uma campanha de solidariedade em favor do Centro Social Padre David Oliveira Martins, sediado em Ruilhe, com a oferta de t-shirts de desporto, material escolar, calçado, brinquedos e alguma roupa. Este acto de solidariedade aconteceu na casa da colónia de férias na Apúlia, onde as crianças se encontravam a passar um período de férias. Uma representação de militares partilhou a refeição com as crianças e no final procederam à distribuição dos objetos.

No dia 17 de Julho de 2013 o Regimento entregou bens alimentares e artigos de higiene à delegação de Braga da Cruz Vermelha Portuguesa. Os artigos foram angariados durante a 4.ª Corrida da Amizade que decorreu no dia 13 de Julho, com o propósito de ajudar esta instituição bracarense.

OBRAS E MELHORAMENTOS



O RC6 procedeu neste período a várias obras de melhoramentos das suas infraestruturas, merecendo especial relevo ao alcatroamento do Parque nos Blocos Militares com ajuda da Camara Municipal de Braga. Deu-se início em agosto à substituição do telhado do Parque de viaturas do GAM.



Unidade de Segurança e Honras de Estado



CAPITÃO ANTÓNIO JORGE CAMPOS PIMENTA DA GAMA

No âmbito da habitual colaboração da Unidade de Segurança e Honras de Estado (USHE) para a Revista da Cavalaria, é costume fazer referência aos eventos de maior relevância do trimestre anterior. Contudo, em virtude do falecimento, aos 83 anos, no dia 25 de julho, do Capitão Pimenta da Gama, é de inteira justiça fazer uma homenagem a este ilustre oficial da Guarda que foi um dos maiores nomes do hipismo nacional.

O seu desaparecimento encerra uma vida brilhante de homem que a viveu ao máximo, destacando-se pelo seu extenso e vitorioso currículo desportivo como cavaleiro equestre. Notável foi igualmente a sua conduta, norteada por valores humanos, alicerçados em princípios como os da ética, profundo respeito mas também de consideração pelos seus pares e adversários equestres. Procurando sempre a excelência, destacou-se no aperfeiçoamento das suas qualidades, visível no incessante caminho de sucesso que o distinguiu, e da valorização e respeito da vida em todas as suas formas e dimensões, sempre com elevado grau de responsabilidade e consciente do dever de desempenho adequado às suas funções.

Nascido em Torres Novas, no dia 14 de maio de 1930, frequentou o Colégio Militar, ingressou na GNR em 12 de janeiro de 1957, tendo-se tornado oficial do antigo Regimento de Cavalaria, atual USHE. Durante a sua carreira, representou Portugal e a GNR em diversos concursos e provas hípicas nacionais e internacionais. Em 1986 foi agraciado pelo Estado Português com a medalha de Mérito Desportivo e com a medalha do Comité Olímpico Português de melhor desportista do ano de 1965, onde se destacou como chefe da Equipa Nacional de Juniores no Campeonato da Europa de Saltos. Como reconhecimento do seu trabalho e dedicação ao desporto

equestre, António Pimenta da Gama foi distinguido com o “Troféu Carreira, da Revista Equitação”, no ano de 2005. Em 2010, a GNR, juntamente com a Federação Equestre Portuguesa (FEP) e a Escola Nacional de Equitação (ENE), homenagearam-no também com um prémio carreira, iniciativa que reconheceu a sua brilhante carreira hípica e a sua relevância, a nível nacional e internacional, elevando bem alto o nome de Portugal e da GNR.

O Capitão Pimenta da Gama, conhecido entre os amigos por “Tico”, destacou-se ao longo da sua vida, pelo seu extenso e brilhante currículo desportivo no que concerne à modalidade de hipismo. Na impossibilidade da sua enumeração completa, dado seu elevado número e relevância, deixam-se aqui selecionados de forma muito sucinta os seguintes dados pessoais da sua vida:

Antes de se dedicar às competições equestres, praticou hóquei, futebol, voleibol e até natação, vencendo a 1ª prova hípica com apenas com 13 anos de idade. Começou por participar em corridas de galope nos anos 40, mas na década seguinte já se dedicava aos saltos de obstáculos, disciplina que o viria a consagrar como uma das maiores glórias do hipismo nacional;

Com 43 anos de atividade hípica, fez parte da Equipa Nacional em Obstáculos de 1962 a 1983, ao lado de outros grandes nomes do hipismo nacional como o do Brigadeiro Henrique Calado ou o Coronel Vasco Ramires;

Foi 4 vezes Campeão de Portugal de Cavaleiro de Obstáculos, nos anos 66, 72, 75 e 77, tendo conseguido também a medalha de prata nos campeonatos de 67, 68, 76 e 79;

Fruto da sua elevada competitividade, venceu cerca de um milhar de provas. Os que com ele competiram dizem que não sabia outro caminho, senão o da vitória;

Montou cerca de 130 cavalos em provas oficiais, na sua maioria cavalos do Serviço de Remonta da Guarda Nacional Republicana;

Tem como melhor prémio da sua carreira, o Troféu “Marquês de Foronda”, um cavalo de prata maciça com 6Kg, obtido através de três vitórias consecutivas nos Concursos Internacionais de Barcelona em 1963, 64 e 65;

É detentor do record de prémios ganhos em concursos do Norte de Espanha com 16 primeiros lugares em três concursos no ano de 1975; Ao longo da sua vida hípica montou cavalos como o “Ibis”, a “Espora”, o “Castiço”, o “Passa pé” e o “Ribamar”, e, apenas com este último, contabilizou cerca de 160 primeiros lugares;

Após abandono como cavaleiro, foi assíduo comentador televisivo de provas hípicas.





**REVISTA
CAVALARIA**

ASSOCIAÇÃO REVISTA DA CAVALARIA

SEDE: Regimento de Lanceiros N.º 2 – Calçada da Ajuda – 1349-054 LISBOA

E-mail: revistadacavalaria@gmail.com

ATENÇÃO

Envie este impresso directamente para a Associação e não para o seu Banco. O total preenchimento dos dados e a assinatura autorizada são indispensáveis

MILITAR: Posto, Arma, Situação (Activo, Reserva, Reforma)

CIVIL: Título

NOME

MORADA

LOCALIDADE

CÓDIGO POSTAL

OUTROS CONTACTOS

MODALIDADES PARA SER SÓCIO DA ASSOCIAÇÃO:

- ☐ 1.ª MOD. – Quota anual individual no valor de 15 Euros.
- ☐ 2.ª MOD. – Quota institucional anual no valor de 75 Euros (destinada a Associações U/E/O, Empresas).
- ☐ 3.ª MOD. – Quota anual para sócios beneméritos no valor de _____ Euros (valor nunca inferior à quota individual).
- ☐ 4.ª MOD. – Quota anual para instituições beneméritas no valor de _____ Euros (valor nunca inferior à quota da 2.ª Modalidade, destinada a Associações U/E/O, Empresas).

Exmos. Senhores

Venho por este meio autorizar a efectivação de transferência bancária regular para o pagamento das quotas da Associação Revista da Cavalaria no valor de _____ € por ano, a debitar em _____.

DADOS DA CONTA A DEBITAR

BANCO	_____
DEPENDÊNCIA	_____
LOCALIDADE	_____
NI DA CONTA	_____
NIB	_____
EM NOME DE	_____

DADOS DA CONTA A CREDITAR

SANTANDER TOTTA
Conta:
53148140020
NIB
001800005314814002012
Em nome de:
ASSOCIAÇÃO REVISTA DA CAVALARIA

Com os melhores cumprimentos

(assinatura igual à existente no Banco)

Data, _____ de _____ de _____

PODE SER FOTOCOPIADO

Indigitações e Nomeações

INDIGITAÇÕES:

TCor Cav 07177087 PAULO JORGE F. G. PINTO DE SOUSA/ GCSP para o cargo de Branch Chief, no Multinacional CIMIC GROUP HQ, em Motta Di Livenza, em Itália.

NOMEAÇÕES:

Cor Cav 05116581 CARLOS JOSÉ VICENTE SERNADAS/ IASFA para desempenhar a missão KV JEC 101 – ACOS JEC – OF5, no QG/KFOR

Cor Cav 12002185 CARLOS NUNO GOMES E SIMÕES DE MELO Director dos Serviços Gerais da AM

Saj Cav 19185285 ANTÓNIO DELFIM VIEIRA DA SILVA, para o cargo “TSC FCL 0030 – STAFF ASSISTANT (ADMIN)”, no HQ SACT, em Norfolk, EUA

PROMOÇÕES:

Cor Cav

TCor Cav, 11898185, RUI MANUEL DA SILVA FERREIRA

TCor Cav

Maj Cav, 03043989, ALBERTO JOSÉ NUNES LARANJEIRA

Maj Cav

Cap Cav, 19735394, EMANUEL JORGE MONTEIRO UMBELINO

Cap Cav, 19397996, BRUNO GONÇALO NUNES CARRASQUEIRA

Cap Cav, 13450294, GILBERTO HENRIQUE PIRES LOPES

Ten Cav

Alf Cav, 15133103, DIOGO AFONSO PAULITOS DOS SANTOS

Alf Cav, 16934304, RICARDO MANUEL MONTEIRO VIEIRA

Alf Cav, 05295504, DIOGO MIGUEL MILHANAS RATO

Alf Cav, 02234604, JOÃO PEDRO MARQUES SALAVESSA

Alf Cav, 17199306, MARCO JOSÉ MARTINS DA SILVA

Alf Cav, 14490003, TIAGO FILIPE DOS SANTOS FERREIRA

Alf Cav, 19674802, JOSÉ CARLOS RODRIGUES ALVES

Alf Cav, 06996003, ANDRÉ DA ROCHA GONÇALVES

Alf Cav, 10598005, JOÃO PEDRO VAZ SILVA MACHADO LAUREANO

Alf Cav, 09465405, FÁBIO MANUEL QUINAS DA CRUZ

Alf Cav, 00943899, NELSON ISMAEL MOREIRA LOPES

Sargento-Chefe

SAj Cav, 17755785, JOSÉ MANUEL FONSECA MIGUÉNS

Sargento-Ajudante

1Sarg Cav 03503592 CARLOS ALBERTO CHAVES BATISTA

1Sarg Cav 07635791 ANTONIO JAIME DIAS DA SILVA

1Sarg Cav 07390891 JORGE MANUEL PEDROSO FERREIRA

TEN Cav HUMBERTO ROSA
RL2

SISTEMA DE ARMAMENTO CT-CV™ DE 105 MM

testado com sucesso no Pandur II 8x8
no Campo Militar de Santa Margarida
em Dezembro de 2007



